

gia na Universidade de Oxford e quer multiplicar seu aprendizado no Brasil. Já Rayssa Faro, aprovada em educação, pretende retornar ao país de origem para implementar ensino virtual em povoados nativos

bem-estar comum

Mais tecnologia em aldeias indígenas

experiências e conhecimentos. Ela lembra que ficou em estado de choque quando recebeu a notícia. “A gente se inscreve, claro, sempre com esperança, mas não imaginava que seria agraciada com uma aprovação. Simplesmente uma alegria indescritível e imensurável”, afirma.

A brasileira recomenda a participação no processo do Chevening para desenvolver ideias e iniciativas. “É um processo longo, mas que vale a pena. O mais importante é acreditar no seu potencial”, afirma. As figuras responsáveis por acalmar e incentivar Petra durante todo o processo do programa foram membros de sua família: o pai, a mãe, as duas irmãs e o noivo, que irá acompanhá-la na viagem para Inglaterra.

O casal embarca no final deste mês para o Reino Unido, o noivo vai cursar pós-doutorado na área de educação física, com especialização em sociologia do esporte na Loughborough University, admitido fora do Chevening.

A médica admite que sentirá saudades da rotina hospitalar no Brasil, assim como dos seus pacientes e colegas, pois essas vivências criam vínculos. “Mas saber que estou indo para somar consola o coração”, diz. No momento, o casal está à procura de apartamento nos arredores da cidade Oxford para se mudar. Com aulas previstas para 3 de outubro, Petra pretende se mudar uma semana antes para se adaptar à nova vida nos próximos 12 meses.

A professora de biologia carioca Rayssa Motta Faro, 33 anos, também agraciada com bolsa do chevening, é mais uma a fazer intercâmbio no Reino Unido com a promessa de voltar ao Brasil para colocar em prática os novos conhecimentos. Seu objetivo é implantar nas aldeias indígenas do Brasil o ensino por meio da realidade virtual. Rayssa foi aprovada na *University College London* (UCL) para cursar mestrado em *digital media education* (mídias digitais para educação).

Essa é a terceira vez que Rayssa tenta obter uma bolsa para o exterior. Ela atribui parte da conquista à sua família, em especial sua mãe, e aos amigos. “Os amigos são essenciais para reafirmar a nossa capacidade. São eles que lembram quem você é. Realmente, eles foram a base para conseguir passar no chevening”, conta.

Ela atribui parte da conquista à sua família, em especial sua mãe, amigos e colegas. “Os amigos são essenciais. São eles que lembram quem você é. Eles foram a base para conseguir passar no chevening”, completa.

A bióloga recebeu a carta de aprovação no processo de chevening com muita emoção. “Até agora estou extasiada. Ainda não consigo acreditar que vou realizar um dos meus sonhos”, diz.

Rayssa revela que sua atuação em projetos sociais

Arquivo pessoal



Rayssa Faro: “Financiando líderes, conseguiríamos muito mais”

sempre vem desde os tempos de adolescente. Há anos ela trabalha com o uso de tecnologia em aldeias indígenas, mas pretende ampliar o projeto com ferramentas de qualidade e novas técnicas a serem aprendidas no exterior.

Ela expõe a necessidade do deslocamento dos indígenas para cidades para ter acesso à educação de qualidade como um dos pontos que justifica a necessidade desse material complementar. E afirma que esta é uma peça-chave em direção à democratização do acesso ao ensino, que facilita a rotina de quem precisa percorrer quilômetros em busca de aprendizado.

Em abril de 2018, Rayssa enviou para o festival de cinema de Cannes um *teaser* intitulado *Eurydice*, uma

releitura de *Orpheu Negro*, em realidade virtual. Participou do projeto como produtora. Meses após o sucesso no festival, fundou a Kilig Vídeos, em conjunto com sua atual sócia, a equatoriana Isabel Herrera. A empresa é especializada em realidade virtual com o propósito de direcionar a tecnologia em projetos educacionais. No ano passado, elas participaram da Shell Iniciativa Jovem, com selo de empreendimento sustentável.

A UCL tem parceria com a *British Film Institute* (BFI), entidade filantrópica das artes cinematográficas. Ela destaca que aprender com as pessoas do BFI é uma oportunidade enriquecedora para crescer na área, além de estabelecer uma boa rede de contatos.

Em meio a cortes na

educação, pesquisas e a falta de recursos direcionados a projetos culturais e audiovisuais, a iniciativa de Rayssa encontra diversos obstáculos no quesito investimento. Uma das saídas, segundo ela, é recorrer a apoios internacionais e de órgãos ligados à causa indígena.

“É o momento que podemos mostrar para o mundo que conseguimos desenvolver projetos tanto ligados à educação como à tecnologia de referência internacional”, afirma. “Com o governo financiando líderes, conseguiríamos ainda mais”, completa. Ela defende a volta de programas promovidos pelo governo brasileiro para pesquisadores conseguirem desenvolver esses projetos de impacto social. “Tem muita gente com iniciativas bacanas e inovadoras, mas que precisam desse apoio. O Brasil tem tudo para avançar nesse quesito e se tornar referência em pesquisas”, conclui.

Quando retornar ao Brasil, depois de um ano, ela pretende aplicar os aprendizados em locais isolados — exceto em aldeias que optaram por não manter contato com mundo exterior — e em grandes centros urbanos. As aulas do mestrado começam em 26 de setembro, e Rayssa pretende viajar 10 dias antes para conhecer a cidade.

*Estagiária sob a supervisão de Jäder Rezende